

7/14/1936

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 25 — 6 DE ABRIL DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$



FRED ASTAIRE
e GINGER ROGERS
os admiráveis artistas-bai-
larinos, protagonistas de
A ALEGRE DIVORCIADA
a grande comédia musical
da R. K. O.-Rádio, distri-
buída pela Aliança-Filme,
Limitada — Pôrto.

Neste número: Um inquérito sensacional! «O MEU PRIMEIRO AMOR»

O que mais o encanta numa mulher?

PEQUENO INQUÉRITO MUITO INDISCRETO

«A sua figura... O seu porte, quando anda e quando está parada. Sou incapaz de me agradar duma mulher que se desalguie, por mais bonita que seja».

Frederich March

«Suponho que fui encantado sempre por aquilo com que as mulheres entenderam me dever tentar. E foram sempre coisas diferentes. Tenho impressão de que cada mulher sabe qual é a qualidade que deve pôr em relevo. Apura-a, depois. E é assim que nos tentam».

«Tive ensejo de verificar, depois de conhecer várias mulheres, que havia nelas qualidades que eu nem de longe sonhara. Mas isso é raríssimo. A regra é esta: têm olhos bonitos? Passam horas a cuidar d'elles. Tem um cabelo formoso? Perdem os dias no cabeleireiro...»

«A mulher vai buscar ao espelho a sua qualidade dominante».

Clark Gable

«A sua voz! Uma voz harmoniosa indica que estou em presença duma boa rapariga. O físico não importa. Sou capaz de mandar flores a uma linda

voz», cuja face desconheço, em absoluto.»

Maurice Chevalier

«A primeira coisa que eu observo, quando vejo uma mulher, são os seus lábios, a maneira, como neles, distribui a côr. Às vezes só para ficar sabendo se ela seguiu com o *báton* as linhas dos mesmos. É um índice que nunca falha. Os lábios duma mulher contêm toda a sua história.»

Richard Arlen

«Os olhos... São índices preciosos. Depois a boca, que revela imediatamente o carácter duma pessoa. Se os lábios estão mal pintados — denotam uma mulher desmazelada. Se estão carregados de pintura, definem a «coquetterie» levada ao exagero. A forma da boca indica, além disso, até certo ponto, se estamos em presença duma *boa* ou duma *mã* «coquette».

Gary Cooper

«Os olhos! Mesmo quando uma mulher sorri, procuro decifrar os segredos que escondem os seus olhos. Não obstante o sorriso, dizem sempre a verdade.»

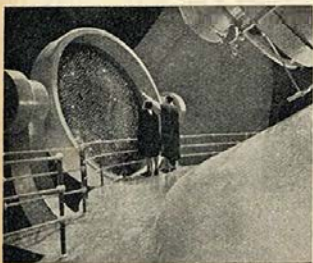
Ronald Colman



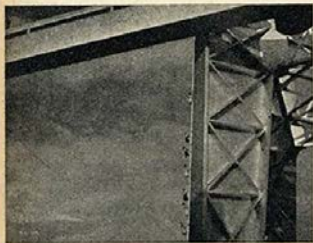
Nick Long J.º, o prodigioso, saltando este cacho de lindas raparigas

ALGUMAS IMAGENS DE

“A Vida Futura”



Os telescópios gigantes



O homem e a máquina



O juízo final

Hollywood está ameaçada a perder a sua onnipotência no mundo do cinema?

HOLLYWOOD, geralmente indiferente aos acontecimentos que se desenvolvem à sua volta, quer seja a oposição aos milagrosos planos de Roosevelt ou os debates angustiosos do aréopago de Genebra, perturbou-se nos últimos dez anos graças ao advento do sonoro.

É que, de facto, a simpática cidade americana, iman a cuja atração milhares de aspirantes à celebridade não conseguem fugir, perde dia a dia o seu poderio. Nem lhe vale já sequer a excelente posição geográfica que lhe proporciona um clima invejado, cruelmente invejado mesmo, pelos habitantes das planícies geladas do país das *stars* and *stripes for ever*.

Hollywood começa a estar fora de moda e não deve tardar a época em que, qual Ramona, será motivo de *czar*.

Deuham a Elstree, as novas babilónias do cinema, situam-se em Inglaterra e não na pátria de Teodoro Dreiser. Mas: possuem, algumas deslocadas notabilidades que outrora envidiavam Hollywood. Clive Brook, Helena Vinson, Richard Dix, Ana Harding e Fay Wray, abandonaram, sem pesar, a América. os seus palácios feéricos e os seus vinte milhões de desempregados, para firmar no Reino Unido onde não há «gangsters», mas há o sentido da justa medida.

Alexandre Korda, o crítico arguto, realizador feliz da «Vida Privada de Henrique VIII», deixou também, sem saúde, os Estados Unidos pela terra de John Bull, farto das exigências impertinentes dos capitalistas americanos que pretendiam afogar, numa ânsia suicida de dólares, o génio artístico do marido de Maria Korda.

Marlene Dietrich, Grace Moore, Fred Astaire, Lubitsch seguem-lhe o exemplo. Estas e outras deserções e, sobretudo, como dissemos, do advento do sonoro, prejudicaram profundamente a posição

de Hollywood no mundo do cinema. 40% dos lucros das empresas produtoras foram sacrificados por tão curiosa e útil invenção.

Causa principal: a perda dos mercados estrangeiros, pouco dispostos a suportar o «inglês de Hollywood», capaz de eucolorizar até à revolta o mais pacífico dos subditos de Eduardo VIII. Por outro lado, os sub-títulos nem sempre deram os resultados desejados e, quanto à «dobragem», nem falar

Inclusivamente, os produtores, em caia de compensação, recorreram aos filmes falados directamente em espanhol. Destinavam-nos aos países da América do Sul.

Porém, os anafados mentores da indústria cinematográfica esqueceram-se de que, embora o espanhol seja a língua predominante dos principais países sul-americanos, diferenças profundas de pronúncia tornavam os filmes insuportáveis para os tímpanos dos seus habitantes.

Esquecimento lamentável do qual resultaram prejuízos incalculáveis.

Assim, estas barreiras linguísticas impuseram a produção de filmes não só em Inglaterra como na maioria dos países da Europa. Realmente, que diferença entre o puríssimo inglês de George Arliss e a mistura híbrida de calão e linguagem de cais dum Clark Gable!

Por sua vez, o clima de Hollywood que proporcionava, na era do «mudo», exteriores incomparáveis, com o advento do sonoro deixou de ter interesse pois as cenas passaram a desenrolar-se nos estúdios, pela dificuldade em isolar os ruídos originados pela filmagem exterior.

Dai a obsolescência dum clima seguro e afável, no qual se pudesse trabalhar com segurança os exteriores. Outro trunfo perdido por Hollywood

Que resultará de todos estes contratempos? Veremos, no futuro, Hollywood

destronada, género rainha no exílio? Tudo é possível.

Lembremo-nos que raro é já o país que não tem a sua Hollywood privativa. Ontem, a Alemanha e a Inglaterra, hoje Portugal e a Itália, e até os Soviéticos anunciam para breve uma cidade cinematográfica monumental, destinada a eclipsar todas as outras. Será assim?

OPERADOR N.º 13

P. S. — Com certo ar «revanchards» que se não coaduna com o receio de alinhar, decididamente, ao lado dos «lumièreístas», Operador n.º 14 (tendência para a adição ou falta de imaginação para escolher outro pseudónimo?) responde às transcrições que fizemos, aliás parciais, do artigo de Léo Sauvage, publicado em «Vendredi».

O cuidado, ou melhor a «habilidade» de Operador n.º 14 em se coibir de citar o nosso modesto pseudónimo, talvez para não brigar com o que arranjou, tão parecidos êles são, obrigá-nos a sublinhar quanto prazer tivemos em proporcionar aos leitores de «Cine-Jornal» o conhecimento da prosa daquele conblivo jornalista francês.

Apenas lamentamos não termos publicado o artigo de Sauvage ua íntegra pois, inclusivamente, lá se encontra resposta para o estafado argumento da carta dirigida por Marey, em 1900, ao ministro do Comércio.

Porém, para onde vamos? Esquecimo-nos que a discussão é entre Sauvage e o industrial Lumière. Tememos até que o público pergunte a que neem os Operadores, quer n.º 13 ou 14...

Um reparo, a terminar: Operador n.º 14 diz no título do seu artigo que «Luis Lumière responde na «Comédia», àqueles que, no «Vendredi», pretendem reinvidicar, etc.» Àqueles? Mas se é só um: Léo Sauvage. Maldita concordância gramatical...

OPERADOR N.º 13

Pensamentos geométricos...

O papel é branco e consente tudo — quando pago a lanta a linha... mas daí a traduzirmos, em letra de fôrma, todos os ciúmes e despeitos — vai um mundo. Porque se erguem barreiras várias, que vão do decôro próprio até ao bom senso, passmada pelo «interesse público»...

* * *

No cinema português, o caso pessoal impera por toda a parte... Até na publicidade! Não sei se já repararam que, entre nós, como regra geral, pretende-se convencer o público, em primeiro lugar, da excelência das entidades que fizeram o filme. Assim são inteligentíssimos, um póço de saber e até dotados dum sexto sentido: possivelmente o de se elogiarem a si próprios...

Pretender-se-á, desta forma, que o público proceda como aquele policia. «que não prendia o rapaz, porque o pai era boa pessoa?»...

* * *

Como se definirá esquemáticamente o pensamento geométrico? Talvez com duas linhas paralelas...

...Porque nunca se encontram!

* * *

Pergunta-se: erguer uma figura na tela, ressuscitar uma época, será «especular» com essa figura e com essa época? Deixamos a resposta aos leitores para agradecer, entretanto, a Mamoulina, a Abel Gance, a Alexandre Korda, as «especulações ignóbeis» que fizeram com Rainha Cristina, Napoleão. A vida Privada de Henrique VIII!...

* * *

O que será mais grave: especular com figuras e épocas, inexploradas na tela, ou especular com todos os lugares comuns das comédias francesas, inglesas, alemãs ou americanas — traduzindo-os em calão português, como diria o liça?!...

* * *

Para que dum filme se possa extrair um romance é preciso que tenha «história»? Não! Basta apenas que tenha uma «ideia», mal expressa, mal explicada, mal definida.

O que era a história de «Maria do Mar», da «Niça», do «Ver e Amar», etc.? E, no entanto, nas mãos dum «bom escritor» — poderiam dar romances magníficos.

E que há bons e maus escritores, bons e maus romances, e filmes bem ou mal realizados...

* * *

E a «Severna», as «Pupilas», os filmes de Rino Lupo, os tais cheios de «elementos fáceis de pitoresco comercial» — não tinham história, por esse facto?! Ou pretendem filmes com mais história do que esse lamentável «José do Teiheiro»?!...

* * *

O que hoje é necessário acima de tudo são filmes que interessem o público — como os precedentes, que, entre nós, se têm realizado.

De boas histórias — estão os maus filmes cheios...

* * *

Cineastas, com a muniã da perseguição, confessam, em público, que se diz, por aí, ter acabado o seu reinado.

Reinados, na indústria dos filmes, não conhecemos! Conhecemos sim aqueles que passam a vida a reinar como esta coisa séria que se chama Cinema Português.



Jane Hamilton, mulher formosíssima, e cujo corpo é célebre, pelos seus linhas impecáveis

A grande "matinée" do "Cine-Jornal" n São Luis

À hora a que a nossa revista vai entrar na máquina, está-se a realizar, no «São Luiz», com excepcional brilhantismo, a primeira «matinée» gratuita de «Cine-Jornal», dedicada a todos os seus amigos e leitores!

Os bilhetes, para esta festa excepcional, esgotaram-se logo no primeiro dia, o que prova não só o interesse que a festa despertou, como ainda a popularidade da revista, entre os cinefilos portugueses.

O brilhantismo invulgar de que se revestiu esta magnífica festa, deve-se ao sr. João Ortigão Ramos, gerente do «São Luiz», e nosso presado amigo, que cedeu a sala, e ao sr. Lázaro Léon, gerente da Metro-Goldwyn-Mayer em Lisboa, que nos ofereceu o magnífico programa, que proporcionámos aos nossos leitores: «Cine-Jornal», no próximo número, publicará uma sensacional reportagem gráfica desta festa!

Certas confissões vindas a lume provam que, no meio do gândio das gentes, a «reinação» continua...

* * *

Abandonemos o tom jocoso para dizer que não cremos que se fechem, por maldade, em Portugal, os estúdios a ninguém. É certo que, quando Leilão de Barros e Lopes Ribeiro quiseram realizar os filmes, há pouco iniciados, depararam sérias dificuldades, a tolher-lhes os passos. Mas foi mivem que passou...

Os estúdios fecham-se, sim, como consequência do retraimento de capitais...

E este último caso só se dará quando, por megalomania e inconsciência, de façam filmes, em Portugal, que sejam uma ruína autêntica.

Porque o cinema é uma coisa séria — com que não se brinca...

A festa comemorativa do 2.º aniversário do Sindicato dos Profissionais do Cinema

No dia 31 do mês findo, realizou-se, no Central Cinema, uma festa comemorativa do 2.º aniversário da fundação do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, com a assistência do sr. Presidente da República e de outras entidades oficiais.

Constou a festa, além duma curiosa exposição retrospectiva do material de cinema, usado em Portugal, desde os primeiros tempos da nossa actividade cinematográfica, e de uma sessão, que compreendeu vários filmes de interesse, — da cerimónia da entrega, pelo Chefe do Estado, aos senhores Raúl Lopes Freire, Manuel Contreras e Alfredo

Araújo, respectivamente, das insígnias de Comendador e cavaleiros da Ordem de Mérito Industrial.

A assistência aplaudiu com entusiasmo, esse acto, — gesto a que «Cine-Jornal» muito gostosamente se associa, fazendo, a par disso, votos para que o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema prossiga na sua carreira, já brilhantemente marecada.

Ao nosso presado amigo, sr. Raúl Lopes Freire, figura de excepcional relevo no nosso meio cinematográfico, e que há muito se impôs pelo seu saber e pelas suas qualidades morais, «Cine-Jornal» envia os mais sinceros parabéns!



Dino Tereza, o inesquecível «Severa», com o grande actor brasileiro Pracípio Ferreira, que vamos ver no «Trevo de 4 fôlhas». O nome de Dino Tereza tem andado ultimamente em foco, sabido que se indigito o simpático artista poro um papel de relêvo, num filme cujo realizacão há pouco se iniciou

CONTRA OS GASES ASFIXIANTES

Uma operação cirúrgica, na hipótese da sala operatória estar invadida por gases tóxicos

No Hospital Polkine, de Moscovo, realizou-se recentemente uma operação nas mais bizarras circunstâncias. A direcção do Hospital estava ansiosa por verificar se o pessoal havia aproveitado alguma coisa dos exercícios de defesa contra os gases, prescritos pelo governo. Os russos são de opinião de que os serviços dum hospital devem estar aptos a funcionar normalmente, em tempo de guerra, mesmo que as salas estejam invadidas por gases tóxicos.

Até agora nenhuma experiência conclusiva se havia feito. E assim foi resolvido realizar-se uma operação delicada, supondo-se que a sala estava invadida por gases deletérios.

Logo que foi dado o sinal de alarme, todo o pessoal e doentes afivelaram as máscaras. O que ia ser operado proce-

deu na mesma forma. Foi aplicado um dispositivo especial, inventado para este fim, para o anestésio conveniente.

A operação correu o melhor possível. Ninguém necessitou de se libertar da máscara, para actuar e ao próprio doente só lhe tiraram quando souo o sinal de haver passado o perigo, isto é: muito tempo depois da operação.

Foi realizado um filme que reproduz esta operação, nos seus mais pequenos pormenores. E, para não destoar, o próprio operador que o filmou trabalhou sempre com a máscara anti-gás.

Mon Ciné reproduz uma curiosa fotografia onde se vêem os médicos, doente e operador cinematográfico com o equipamento que os põe a salvo dos perigos dos gases tóxicos.

A VIDA DE LENINE NA TELA

O realizador N. Solovieff conclui, actualmente, nos estúdios de Moscovo, um documentário sonoro, destinado a revelar ao público as principais etapas da vida política e social de Lenine.

O filme inclui passagens da vida real do ditador vermelho, filmados desde 1918, e, além da sua biografia, apresentará o balanço do 2.º plano quinquenal.

A irmã de Fred Astaire vai entrar num filme

Como se sabe Fred Astaire e sua irmã Adèle Astaire, antes do primeiro se celebrar como actor de cinema foram os grandes nomes dos cabarés e «music-halls» de Londres e de Nova York, sabido que constituíam, indiscutivelmente, o melhor par de bailarinos de todos os tempos.

Um belo dia, porém, Adèle Astaire enamorou-se de Lord Cavendish, que a desposou. Foi então que Fred Astaire, pelo braço de Joan Crawford entrou no cinema — lembrem-se do *Turbilhão da Dança?* — e mais tarde encontrou Ginger Rogers, iniciando então a sua carreira fulgurante.

Ora Adèle Astaire, bailarina famosa, discípula de irmão, encontra-se em Hol-

lywood, e vai tomar parte numa comédia musical.

E, segundo informa um jornal nova-yorkino, a R. K. O. está fazendo as precisas deignências, para apresentar o par Adèle-Fred Astaire, num grande filme.

Outra vez «Manon Lescaut»

Uma firma produtora francesa está preparando uma nova versão cinematográfica, desta vez sonora e falada, da célebre obra do abade Prévost, *A História do Cavaleiro Des Grieux e de Manon Lescaut*.

Sessue Hayakawa vai regressar ao cinema

Sessue Hayakawa, o célebre actor japonês, cujo nome anda ligado ao de alguns filmes mais representativos do tempo do mudo; Sessue Hayakawa, que durante muito tempo, desapareceu, chegando a ser noticiado o seu suicídio — nunca chegou, afinal, a virar as costas à Setima Arte. Há alguns anos, com efeito, fixou-se no Japão, e tornou-se produtor e realizador de filmes.

Actualmente, Sessue prepara-se para regressar ao cinema como actor e, assim, vai iniciar *A Luz dos Quatro Mares*, filme onde interpreta o papel de Budha. Os diálogos e o argumento são da sua própria autoria.

CHARLES LAUGHTON na «Comédie-Française»

Uma noticia sensacional! Charles Laughton, o grande actor cinematográfico, cujas eriações nos assombraram em filmes como *A Vida Privada de Henrique VIII* e *As Virgens de Wimpole Street*, vai interpretar o 2.º acto do *Médico à força*, de Molière, por ocasião do «galas» organizado, na «Comédie-Française», a favor dos filhos de Jacques Quilhène.

Laughton, que filma, em Londres, *Dorchester*, irá a Paris ensaiar com os seus colegas franceses, a-fim-de que a sua intervenção na peça célebre de Molière seja rodeada de fôlas as garantias duma «mise-au-point» impecável.

Toby Wing vai casar

Toby Wing, que, durante muito tempo, foi considerada a noiva oficial de Jackie Coogan, e que sofreu «um rude golpe» (na opinião das agências telegráficas), com o casamento inesperado do seu noivo, resolveu adoptar o sábio preceito de «dentada de cão se curar com pêlo do mesmo cão», e resolveu casar-se com o aviador John T. Helms, que co-nheceu durante uma festa efectuada na Cinelândia.

O divórcio de Bárbara Stanwyck

Bárbara Stanwyck, que passava por ser, dentro do seu lar, uma mulher feliz, acaba de se divorciar de seu marido, Frank Fay, artista e argumentista.

Segundo informam as agências, os tribunais confiaram-lhe a educação do filho, Dion-Anthony, que conta presentemente três anos de idade.

Bárbara casara em Agosto de 1928.

Constance Talmadge perseguida pelos «gangsters»

Constance Talmadge, que foi célebre, no tempo do mudo, está sendo muito perseguida pelos «gangsters», não só pelo facto de se tratar duma pessoa rica, como também por ter denunciado a policia determinada armadilha, que lhe pretendiam armar, o que redundou na prisão de dois membros da quadrilha.

Ultimamente, a vedeta encontrava-se com seu marido em casa de Eugène



Ford, quando ouviu uns gemidos. Apoiou-se para ver o que era e recebeu uma pancada na fronte. Desmaiou. E o bandidos ou porque fossem presentes ou por qualquer outro motivo semelhante desistiram do golpe, não sem que antes houvessem pretendido raptar o filho de Eugène Ford.

Este tenebroso caso, pode ser o ponto de partida para um filme de «gangsters»...

ANIVERSARIOS

Fazem anos, nestes meses mais próximos, entre outros, os seguintes artistas:

ABRIL

- 1 — Wallace Berry.
- 6 — Waller Huston.
- 12 — Virginia Cherrill.
- 14 — Lee Tracy.
- 19 — May Robson.
- 28 — Lionel Barrymore.

MAIO

- 1 — Leila Hyams.
- 2 — William Bakewell.
- 10 — Clarence Brown.
- 17 — Maureen O'Sullivan.
- 21 — Robert Montgomery.

JUNHO

- 2 — Hedda Hopper.
- 14 — Cliff Edwards.
- 16 — Stan Laurel.
- 17 — C. Henry Gordon.
- 24 — Martha Sleeper.
- 26 — Ernest Torrence.
- 28 — Polly Moran.



Walt Disney, assino controla com o R. K. O.-Rádio, que distribuirá futuramente os admiráveis desenhos animados daquele artista. Na fotografia, além de Disney, do pato Danc e do Roto Mickey, figuram os dirigentes do grande firma produtora americana

de surpresa em surpresa...



Maria Helena primeira figura feminina de

B O C A G E

conseguir um resultado satisfatório e rápido do actor de teatro do que dum estreadante. A parte administrativa do filme não admite grandes perdas de tempo com aprendizagens e o realizador necessita de trabalho perfeito. Este, não possuindo tempo para ensinar os seus estreadantes, vê-se obrigado a substituí-los por alguém com mais prática. O ritmo acelerado com que segue e necessita seguir a filmagem de *Bocage* impôs o contrato duma actriz experimentada para o papel de Márcia.

E assim, Leitão de Barros, ao notar Maria Helena no estúdio, levou-a para defronte dos intensísimos projectores e começou a mirá-la de todos os lados possíveis e imaginários, obrigou-a a exteriorizar mil e uma expressões para ajuizar acerca das possibilidades da visitante ocasional. Depois de voltas e reviravoltas, necessárias e desnecessárias, chegou a uma conclusão: Maria Helena vai interpretar o papel de Márcia.

Calculem o espanto que esta inespreddíssima nova causou.

Maria Helena ia pagar a gentileza e recebeu um contrato.

O factor *acaso* foi, desta vez, um factor importante. E assim sucede tanta e tanta vez...

E agora a propósito

É indispensável, já está provado e mais que provado, que as coisas referentes ao cinema tomem uma orientação diferente. Não nos referimos, nem nos queremos referir, a A, a B ou C. Referimo-nos, sim, a todos em geral e a ninguém em particular.

Esta balela espalhafatosa dos concursos públicos para vedetas tem que acabar. Já deu por várias vezes mais resultados. Desnecessário retrocedermos muito; basta lembrarmos-nos da «Canção de Lisboa», em que Ana Maria e Manuel de Oliveira — o inteligente Manuel de Oliveira de «Douro, faina fluvial» — falharam completamente como actores. No «Gado Bravos», Nita Brandão não soube passar dum anadorismo irritante. Ainda há pouco, nas «Pupillas», foi indispensável a substituição da primeira intérprete da Margarida por Leonor de Liza. É mais, e muito mais.

A não ser por um acaso muito e muito excepcional — excepcionalíssimo no nosso país em virtude de muitos factores bem conhecidos — se consegue em qualquer parte do mundo, por este processo, uma vedeta com qualidades satisfatórias para protagonista dum filme. Não é entregando principais papéis à toa que se conseguiu criar um grupo de actores de cinema. Começar pelo princípio é um lugar comum, mas é *totalmente* uma verdade empírica.

É por discordarmos desta orientação, que classificamos de errônea, que nos negamos peremptoriamente a colaborar em mistificações semelhantes, em que comprometemos os nossos nomes e a reputação da revista.

Está certo, é louvável, apoiamos e danos a nossa adesão sempre que se queira entregar a estreadantes papéis pequenos, mas de forma a deixarem revelar as qualidades daqueles que realmente os possuem. Está nestas circunstâncias o caso de Maria Castelar, que se revelou na «Francisquinha»; Mariana Alves, que triunfou plenamente na «Severas»...

Per fas et nefas convencer-se-ão que este ponto de vista está certo... e senão veremos.

TELMO FELGUEIRAS

TODOS nós possuímos um amigo, um daqueles amigos de café, que todas as semanas trazem nova anedota para contar... quando não todos os dias. Assim é o filme *Bocage*. Todas as semanas nos revela uma notícia de sensação, inesperada, palpante, cheia de interesse por todas as coisas possíveis e até imaginárias. Já mais esquecerei a primeira vez que li, numa coluna de bibliotecas de qualquer jornal, esse eco informativo que em pouquíssimas linhas nos revelava o pensamento de Leitão de Barros. Traçou-se logo acalorada tertúlia sobre a maneira como seria encarnada a figura do poeta de Setúbal. Mas todos duvidávamos que a ideia se transformasse em obra. Um filme representativo duma época é um caso *bicudo* em qualquer parte do mundo. Para mais, não havia muito tempo que se falava com grande insistência na realização de «A canção de Coimbra» e tudo ficou em palavras e em projectos que, tornados realidade, seriam curiosíssimas manifestações dum sentido crítico superior sobre uma época, um meio e até mesmo sobre a chamemos-lhe assim — *personalidade dum povo*. Calculávamos que *Bocage* fosse um projecto, uma coisa da nossa terra. Mas esquecemo-nos lamentavelmente que Leitão de Barros é um português de espírito, com actividade e iniciativas estrangeiras. Leitão de Barros não conhece dificuldades... ou — talvez seja mais exacto — conhece-as de mais e por isso sabe vencê-las.

Mas voltamos ao ponto de partida: *Bocage* ser realidade foi a primeira notícia sensacional. Depois as cenas na Lisboa Antiga e na fragata «D. Fernando» foram informações agradáveis para os espíritos superiores. A assinatura do contrato para a versão espanhola do filme entusiasmou o meio cinematográfico, que viu no facto um novo filão a explorar depois de atentamente estudado e ponderado. A chegada de Celília Bastos e dos actores espanhóis foram acontecimentos sensacionalíssimos para o público que continua a interessar-se pela actividade cinematográfica e que se esforça por tomar parte em pequenos passeios e na figuração do filme, como por exemplo no grande baile, no bailarico e em muitas das diversas cenas de conjunto da película. Aguardou-se com interesse a revelação dos nomes das principais personagens contratadas e a substituição de Amarante causou sensação.

Agora Maria Helena — essa interessante morena, filha da grande actriz Maria Matos — encarregou-se de *Márcia*, papel que primitivamente fora confiado a Maria Valdez.

Sua Excelência o Acaso

Maria Helena vai realizar dentro em breves dias a sua festa artística, com a peça espanhola *Mabulouca*. Como foi anunciado, há um fim de festa colaborado por vários artistas, entre eles os intérpretes da versão espanhola do *Bocage*. Pois bem: Maria Helena dirigiu-se há dias ao estúdio da Tobis para agradecer a adesão dos seus colegas do país vizinho. A actividade com que se trabalhava surpreendeu-a. Procurava-se tirar o máximo rendimento de tudo e de todos. Os ensaios não podem ser escolas de ensinamento completo. Uma despesa de vinte contos diários com os trabalhos no estúdio é verba importante que exige o máximo de rendimento. E assim surge a necessidade de contratar nomes habituados a interpretar. A solução está no teatro. É muito mais fácil



Um jornalista francês resolveu fazer um grande inquérito, a-fim-de averiguar, de cada vejeita, «qual foi o seu primeiro amor». As respostas, não obstante a indiscreção da pergunta, choveram. Damos, a seguir, algumas das que nos pareceram mais curiosas:

JEAN HARLOW — Ora aí está uma pergunta, cuja resposta se nos figura difícil. Não porque me importe de o dizer, mas sim porque o meu primeiro amor é sempre... o último. Sempre que amo um homem diferente, tenho a impressão de que amo pela primeira vez.

MARLENE DIETRICH — O meu primeiro amor?! Onde vai isso!... Foi no Conservatório. Estudava violino e encontrei um rapaz na classe de piano que me fazia a côrte. Passámos longas horas a estudar juntos. Minha mãe não se importava de nos deixar sôzinhos — enquanto nos ouvia tocar. No intervalo das músicas é que era o diabo... Aparecia logo, e encontrava mil e um pretextos para se demorar até à música seguinte.

CONCHITA MONTENEGRO — O meu primeiro amor foi um toureiro. Amei-o apaixonadamente. Quando o via com o seu traje de lúces, na arena, o meu coração batia com força. Afinal, tudo acabou como começara... Sem se passar nada. Depois tive outros amores menos platonícos — mas êsse foi e será sempre o meu primeiro amor romântico dos catorze anos.

JOAN CRAWFORD — Dez anos passados, ainda me lembro dêle. Era um rapaz muito simpático. Chamemos-lhe Georges... Uma zanga estúpida fez com que aachássemos o namôro. Quando compreendi que o amor que lhe tinha era mais forte do que êsses amuos, procurei encontrá-lo. Tudo foi inútil. Há tempo, recebi pelo telefone uma chamada urgente dum hospital. Corri até lá, ansiosa por saber de quem se tra-

tava. E, como devem calcular, foi Georges quem encontrei.

Esteve muito tempo entre a vida e a morte. A minha presença, dia a dia, encorajou-o. Curou-se. Divorciou-se de sua mulher. E casou-se...

Espero que tenham adivinhado o verdadeiro nome do homem que, depois de ter sido o meu primeiro amor, se tornou no último — Franchot Tone.

MAUREEN O'SULLIVAN — O meu primeiro amor? Não sei se foi êsse. Julgo que sim! Era no tempo em que, menina ainda, me começava a entusiasmar com os heróis de todos os livros que lia. Representava-se, nessa altura, na vila onde me encontrava, um velho drama de capa e espada. O galã era um espadachim alourado, robusto e simpático, com um perfil nórdico, que me encantava.

Procurei surpreendê-lo fora do palco. Fugia de casa para rondar o teatro. Após algumas tentativas infrutíferas, dei de cara com êle. Quedei-me hiquiaberta, espantada, sem saber o que devia dizer.

O galã atentou em mim, mediu-me de alto a baixo, e disse para a pessoa que o acompanhava: «parece doida, esta rapariga».

Mal sabia êle que tinha ali a mais sincera e a mais entusiástica das admiradoras, e que, uma palavra dêle, bas-

taria para me fazer abandonar casa, pátria e família — para o seguir.

Felizmente que as coisas correram assim e, pela vida fora, tive muita ocasião de me certificar de que quanto mais cega fôr a mulher no seu amor — mais mal correspondida é. Por isso, tenho, agora, fama de ser mentirosa e calculista!...

ROCHELLE HUDSON — Chamava-se Tom. Era simpático e tinha um ar triste que lhe ia bem. Romântico em extremo, sonhava apenas com amores infelizes. Queria enfileirar na galeria dos amantes desgraçados, para quem o amor é uma fonte perene de desventuras. Achei-o romântico demais e troquei-o por outro mais positivista. Não estou arrependida...

NOVAS PERSONALIDADES



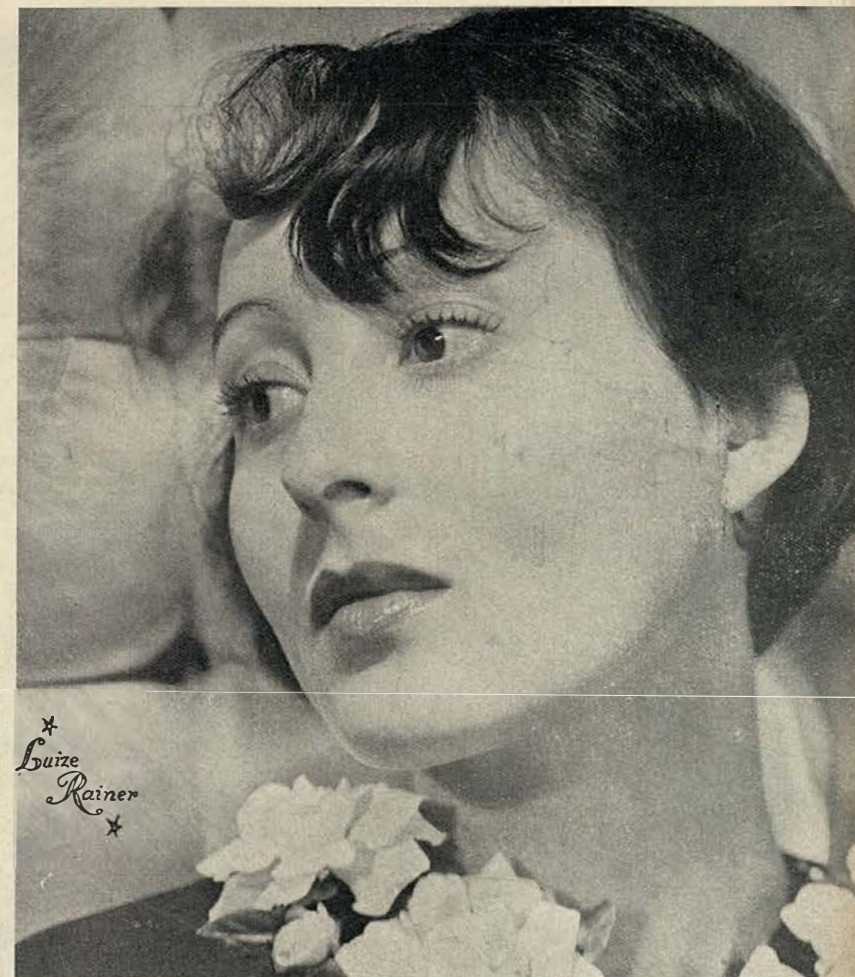
*Irene
Hervey*

Todos os dias surgem na tela, novos nomes, novos artistas, novas personalidades! O cinema é um amante sedutor, que eleva a grandes alturas as pessoas que lhe são gratas, e que as despreza logo a seguir, para se prender a novos amores. Quantos vedetas têm galgado, dum dia para o outro, a íngreme calçada da glória, para se despenharem, do alto, logo a seguir, no abismo do esquecimento.

O cinema é ingrato e o público também! Porque, reparem, quâsi se não lembra daqueles e daquelas que ontem o deslumbraram, que o fizeram vibrar, com a chama viva do seu gênio e do seu talento. Poderíamos citar mil e um exemplos, em tôdas as épocas—mas não vale a pena. O leitor conhece muitos, com certeza.



**
Ginger
Rogers*



**
Louise
Rainer
**

Todos os dias surgem na tela, novos nomes, novos artistas, novas personalidades...

No cinema, a renovação faz-se contínua e progressivamente. Mulheres lindíssimas, de todos os cantos do globo, convergem para esse polo magnético que as atrai. A dificuldade está apenas na escolha, para esses estúdios americanos, onde todos os dias aparecem mil e um prêmios de beleza a demandar a possibilidade de aparecer na tela.

Nesta página, damos quatro artistas que se revelaram recentemente: Louise Rainer, que foi de Viena a Hollywood, e que é hoje uma celebridade; Ginger Rogers, que entrou em mais de duzentos filmes como «chorus-girl» e que só mais tarde se revelou; e duas lindas mulheres, Irene Hervey e Lucille Ball, que se destacaram já pela sua beleza e que aguardam agora o momento de se revelarem artisticamente.

NOVOS ARTISTAS

Como se revelou um grande artista

QUANDO Robert Donat nasceu, na activa cidade de Manchester tinha exactamente, todas as qualidades precisas para nunca vir a ser um actor de cinema, especialmente de cinema sonoro. Não falava, como é próprio de todo o recém-nascido e, consoante a físico, coisa grave, deixava muito a desejar.

Valeu-lhe, porém, a família extremamente complicada que tinha: a mãe ex-bailarina, a sua gymnástica por todos os poros, o pai, homem enfezado, cujo sonho de todos os dias era ser orador e um certo tio, que por ter muito dinheiro, satisfazia todos os pedidos monetários feitos pelo excellentíssimo cunhado, matemático e rigorosamente no dia 20 de cada mês, dóze vezes por ano.

À medida que o menino ia crescendo, sua desenvolta mãe, vendo que, pelo corpo, ele não podia negar a paternidade, e não querendo como ela dizia, «mais enfezados na família» — tratou de esticar e alargar, com todas as inverosímeis gymnásticas que conhecia, o nosso futuro galã.

Orador de Comicio

O pai, pouco dado àquelas andanças de pulos e correrias, deixava espigar o

rebeno e ia acalentando — seu sonho doirado — fazer d'ele o tal orador que nunca conseguiu ser. E um dia — Robert, já tinha 12 anos razoavelmente espiçadotes — resolveu ir de abalada apresentado ao tio, verdadeiro anjo da guarda pelas razões atrás apontadas o qual vivia em Londres, sem saber que destino mais conzinha ao seu dinheiro.

Quando o tio ouviu falar o rapaz, ia caindo das nùvens, mas, como não queria desgostar o cunhado, encarregou-se d'ele, prometendo levá-lo aos maiores mestres da capital inglesa. O pai abalou disposto a dar um banquete pelo futuro orador de Manchester e o tio numa daquelas orações, género «discurso família» que a leitora certamente conhece, dirigiu-se a Robert nestes termos altamente animadores:

— «Meu rapaz, a tua pronúncia parece a dum xilofone tocado com duas coronhas de espingarda e o forte acento Zancashire que possues autoriza-me a dizer que nunca farás nada dentro da carreira desejada por teu pai. Vamos, no entanto, tentar e ficas já avisado que estudarás tanto quanto quiseres, ficando as minhas relações com o mestre reduzidas a pagar a conta.

Entrou Donat para um professor bastante competente e especializado em dieção. Estudou a arte retórica em todos os seus aspectos, amenizando bastas vezes seus trabalhos com visitas à paternidade e, passados seis anos, começou sem saber bem o motivo, talvez porque o mestre lhe pedira, a dedicar-se ao teatro desempenhando, secundaríssimos papéis nas réeitas familiares promovidas pelos seus colegas. Mas repletia tudo o que lhe apresentavam como uma espécie de amômato falante sem vida, sem alma, sem fogo que entusiasmasse qualquer pessoa. Depois, servido por uma memória prodigiosa decorava rapidamente os papéis e isto dava uma nota bastante monótona aos ensaios onde todos se irritavam por não ter uma palavrinha que emendar.

Porém, numa festa de gala, para ho-

Júlio César... amador

menegar o professor — uma das fatais réeitas seguidas de baile — entregaram-lhe o papel de Cassius no «Júlio César». Repetiu todos os ensaios precisos com a mesma frieza do costume. No grande dia entrou no palco, despreo-

cupadamente e como sempre, olhou a plateia.

Foi aqui que começou a verdadeira vida do actor Robert Donat...

Onde intervem certa donzela

Numa das primeiras filas, vestida de sêda branca — que mais parecia zéfito — fitava-o uma espectadora. Não lhe viu, diz elle nem a cara, nem a côr dos olhos, coisa nenhuma; sabe só que estava vestida de sêda branca e o olhava insistentemente.

Ele não precisou de mais: Subiu-lhe o Cassius e a sêda branca até às regiões do talento, deixou-se possuir repentinamente por um entusiasmo louco, até ai sempre ignorado e, enfim — foi o grande herói da noite.

O mestre, mais espantado que ninguém, chamou-o de parte, fez-lhe os maiores elogios e uma grandiosa promessa:

— «Se o sr. quiser faça de si um grande actor, basta que conserve esse sublimado entusiasmo».

E. Robert Donat quis de verdade.

Um riso providencial

Numa «tournée» pela Inglaterra interpeta Shakespeare, faz furor em Liverpool em virlude do que é contratado para o «Saint-Martin Theatre» de Londres. Ai, quando da representação de *Saru*, certa noite, um dos directores da Metro, que assistia ao espectáculo, quis contrata-lo mas Donat recusou, o que chega a parecer incrível.

Estava, no entanto, em marê de sorte porque, mal tinham passado algumas semanas, o próprio Korda foi a sua casa para negociações. Combinou-se que seria chamado para um ensaio mas os dias passavam e a convocação não surgia, o que encolerizava Donat, agora ansioso de trabalhar para o cinema.

Marcado, finalmente, o ensaio para certa manhã, Robert compareceu enervado e esgotado pelo esforço que fizera ao decorar o papel pela primeira vez sem o auxilio de sua fiel memória.

Verdadeiramente desastroso este ensaio — as sílabas enrolavam-se na bôca, a voz era sumida e até as palavras erradas o que acabou de o excitar, a pontos de, numa crise de nervos, desatar às gargalhadas loucas e talvez despeitadas pelo fracasso que previa. Mas no fim contrataram-no — «Porque aquete riso é colossal» dizia Alexandre Korda... «Ele triunfa».

No reino do Cinema

De facto contra as amostras que deixava ver, Donat breve se revelou um sóbrio e completo actor. Depois dum esplêndido trabalho em «*That Vigil in London*» e «*Cash*» representa no «*Henrique VIII*» o Culpeter que o consagra definitivamente. A América, sempre ciosa das celebridades, da boa matéria prima, faz-lhe, mais uma vez, as suas propostas, enfeitadas de ouro, num bailado de dólares. E como Robert Donat entendesse que era agora a altura precisa — foi contratado para Hollywood.

Do seu trabalho americano chegaram até nós duas produções: «*O Conde de Monte Cristo*» e o original «*Vende-se um Fantasma*». Ninguém, conseguirá dizer que ele não é um artista, sóbrio, cheio de equilibrio, de expressão.

... Lembrar-se a gente que ele tinha um pai enfezado, uma mãe bailarina, um tio maluco e a tal voz de «xilofone tocado com duas coronhas de espingarda»...

...Chega a parecer incrível...



RECEITAS DE BELEZA

PARA fazer uma «maquillage» perfeita, há que observar três regras.

Regra n.º 1 — Nunca ponham o «rouge», na face, abaixo da linha dos lábios. O «rouge», com efeito, deve ser pôsto sobre a maçã do rosto e espalhado, depois, para o lado do nariz ou da orelha, conforme se pretende «engordar» ou «emagrecer» a face. Em caso algum, porém, deve estender o «rouge» abaixo duma linha imaginária, transversal, que seria o prolongamento do lábio superior.

A incorrer-se neste erro, a face ficaria longa, com um aspecto velho e cansado.

Regra n.º 2 — Nunca ponham o «rouge» na parte que fica compreendida dentro do «triângulo do sorriso». Este triângulo é composto, como é natural por três lados. Um tem como limite a boca. Os outros dois são constituídos pelas duas rugas, que se formam quando se sorri, e que unem as narinas à comissura dos lábios.

Essas rugas, por muito pouco pronunciadas que sejam, devem ser vigiadas. Falaremos adiante neste assunto.

Regra n.º 3 — Façam a «maquillage» sempre com boa luz e sobretudo à luz que lhe destinam.

De manhã, devem pôr o baton e o rouge à luz do dia. À noite, devem pô-lo, com uma luz mais forte. É importante assegurarem-se previamente de que o espelho não está sujo, ou embaciado. O reflexo duma cortina, dum «abat-jour», de qualquer outra coisa — é o suficiente para nos fazer incorrer em erros graves de «maquillage».

Como regra corolária, não se esqueçam de que o pó de arroz nunca se deve esfregar sobre a cara, mas aplicado com pancadas leves e rápidas, com a borla. O excesso de pó é eliminado, depois, com uma escóva especial, ou então com um pouco de algodão em rama sem ser comprimido. A cara fica então com um ar aveludado, maravilhoso!

Procurem valorizar a testa

Uma testa bonita está para a cara como o céu para a paisagem. E, como sabem, os poetas cantaram sempre a testa de Juno...

Os cabeleireiros, agora, têm a tendência para libertar a fronte dos caracóis, franjas e bandós, que durante tanto tempo as cobriram.

Nada há mais belo do que uma testa bonita. E nada mais raro, também. As rugas são a nuvem negra da testa. Não só porque a desfeiam, como também porque dificilmente se removem.

Quási todas as mulheres despresam a sua testa. Preocupam-se com o carmin. com as faces, com o baton, com os lábios, ou com a permanente — esquecem-se de a cobrir com a ténue ca-



mada de pó de arroz, e a testa aparece-nos, assim, de cor diferente do resto da face.

É preciso cuidar da testa. Lavá-la com bom sabão. Extrair os pontos negros, que facilmente se inflamam. Se os pontos negros forem muitos lavem-nos primeiro com álcool ou éter. O pó de arroz a aplicar na testa deve ser mais claro do que o outro que se aplica nas faces — da mesma cor daquele com que se polvilha o nariz e o «triângulo do sorriso». A cara fica desta forma como que iluminada!

Linha geral

É preciso não descurar nada, no capítulo de beleza. Depois é mais difícil...

Nunca se esqueçam de lavar a cara ao deitar — para libertar a pele de todos os produtos de beleza com que a so-

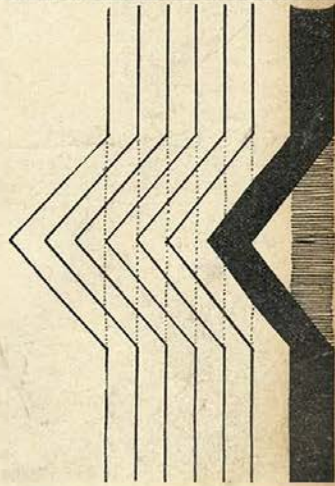
brecarregaram de dia. Podem, depois, aplicar um bom crême. Se observarem este preceito evitarão os tratamentos com máscaras de cautchu, etc.

Devem aplicar um pouco de creme nos pontos mais vulneráveis às rugas em redor dos olhos e da boca.

Quanto aos olhos, devem fazer uma pequena massagem na pálpebra superior, da esquerda para a direita até ao nariz. É conveniente não tocar na pálpebra inferior.

Quanto à boca, limitem-se a praticar a mesma operação do «triângulo do sorriso».

Por muito tarde que seja, nunca deixem de, ao deitar, dar estas massagens. No caso de perderem a noite, elas serão mais benéficas do que nunca, porque tirarão dos vossos olhos aquele ar cansado, que aparece sempre, em casos semelhantes.





Uma opereta verdadeira-
deiramente notável,
no "Central Cinema"

A realização, sempre variada de efeitos e soluções imprevistas, constitui um dos alicerces do grande êxito que *Valsas do Neva* virá alcançar na tela do Central-Cinema. Sabe bem saborear, assim, uma realização polvilhada de situações graciosas e de linda música, em que a leveza da acção, enredada numa capitosa mistura de riso e emoção, nos enternece, cativa e encanta. Há coisas lindas nesta bellissima produção, coisas ingénuas, mas que divertem. Os que apreciam este género de obras devem ficar satisfeitos com os múltiplos encaixes dum conjunto maravilhoso.

seu desempenho participam Paul Hörbiger, que, no principal papel masculino, realiza uma criação que o coloca no primeiro plano dos maiores artistas da actualidade; Elisa Illyard, na protagonista, sempre graciosas e elegante; Theo Linggen, admirável de mocidade e Ernst Dumeke.

Valsas do Neva, em suma, constitui um espectáculo destinado a alcançar entre nós a mesma carreira triunfal que obteve em telas estrangeiras.

O assunto foca um delicioso episódio da vida de Johann Sirauss — «O Rei da Valsa» — na cõrte imperial russa. No

(Exclusivo da IBÉRICA-FILME; e distribuição da SOCIEDADE RAUL LOPES, FREIRE, Lda-

VALSAS

DISTRIBUIDO pela Sociedade Raul Lopes Freire, Limitada, o Central-Cinema dá-nos, hoje, em estreia, uma formosíssima opereta. Trata-se do belo exclusivo da «Ibérica-Films». *Valsas do Neva*. Ele constitui uma hora intensa de sonho, de beleza e de plenitude física e espiritual. Em todos os países onde é tem sido exibido, o público e a critica deram-se as mãos, francamente. O êxito foi completo. Não admira. É que a imagem, a música, a realização e o desempenho, de tão intimamente ligados que se apresentam, oferecem-nos maravilhas sobre maravilhas. No desenrolar da acção, no desenho das figuras, na própria anecdota, que liga harmoniosamente todo o filme, encontram-se motivos de sugestão e de beleza espectacular que colocam a obra fora do que de vulgar se tem exibido entre nós. Essa circunstância, prometedora dum espectáculo delicioso, consegue, depois, no decorrer da acção, exceder a tôda a expectativa, brindando-nos com uma graciosidade tam comunicativa e um movimento de figuras tam vivo, que todo o filme se converte num manan-



Um dos maiores triunfos europeus

com
Paul Hörbiger
Elisa Illyard
e Theo Linggen

cial de sensações agradáveis. Na verdade, todo o seu recheio, condimentado com tôdas as condições para conceder ao filme uma feliz carreira, reputamo-lo dos mais originais que, no género, se tem visto, pela sua espontaneidade, graça natural e forte poder inventivo.

DO NEVA



Joan Crawford
Clark Gable
e
Robert Montgomery
Em

OS NOIVOS

Os noivos de Mary, obra admirável de W. S. Van Dyke, foi o filme escolhido para a primeira festa do Cine-Jornal. Profundamente cinematográfico, cheio de espírito e de qualidades — pôde ser apreciado por todos aqueles que assistiram à «noiva» festa memorável no «São Luiz».

Aqueles, porém, que não puderam lá ir e que não conhecem esta admirável produção da Metro-Goldwyn-Mayer experimentarão uma grande satisfação, por certo, ao ler o argumento, que damos a seguir.

A lindíssima Mary Claye, (Joan Crawford), preparava-se para celebrar as suas bodas, que se deviam realizar no dia seguinte — e entregava-se aos cuidados da sua massagista, tóda empenhada em fazer brilhar o mais possível a beleza deslumbrante da noiva.

E o elegantíssimo Dill Morton, (Robert Montgomery) o noivo, tão engraçado como incapaz de tomar a vida a sério, preocupava-se, sobretudo, com a festa que devia marcar a sua despedida de solteiro.

O telefone retiniu. Era para Mary. E esta, ao reconhecer a voz, não pôde reprimir um grito de alegria:

— Jeff!... Oh! que grande surpresa! Tenho tanto, tanto que te contar.

* * *

Jeff (Clark Gable) não esperou que ela repelisse o convite. Era um rapaz de envergadura atlética, forte, um pouco brusco de maneiras, mas com um coração de ouro. Chegara nessa manhã, vindo de Espanha, e o seu primeiro cuidado fora telefonar a Mary, à querida Mary, companheira dilecta desde os tempos de infância.

Shep (Charles Butterworth), amigo fiel, lá estava no cais. Dai em diante, Shep havia de ser a sombra viva de Jeff, o seu confidente, o seu factotum. E Jeff confessou-lhe.

— Não calculas como estou radiante por voltar a esta infernal Nova York. Há seis anos longe daqui! Seis anos sem ver a Mary! Mas onde tudo isso vai... Agora só quero pedi-la em casamento. Devo-lhe tudo, na vida! Se não fosse ela, seria um indolente, não teria partido, não teria feito fortuna. Demais a mais, gosto dela desde pequeno!...

* * *

Quando chegou a casa de Mary ficou um pouco surpreendido por ver tanta gente junta... Radiante de felicidade, ela lançou-lhe os braços à volta do pescoço, e beijou-o ardentemente.

Querido Jeff!... Não calculas como estou contente por te ver! Tenho uma

grande novidade para te dar... Vou casar com Dill! Amanhã já... Conto contigo, para meu padrinho.

O sorriso de Jeff, extinguiu-se lentamente! Era duro! Fazer uma viagem tão grande, para afinal assistir ao casamento de Mary... com outro! — Para mais ter de apadrinhar o acto.

Um pouco confusamente, alinhavou meia dúzia de desculpas. Mas Mary insistiu tanto, que ele teve que aceder.

E Mary com uma volubilidade encantadora, — não escondeu a sua alegria.

— Jeff! Estou radiante de felicidade. Desde miúda que gostei de Dill!... Lembra-te dêsse tempo. A graça de Dill cativou-me sempre... Finalmente realizei o meu sonho!... Como vês, os amores de infância duram às vezes.

— Oh! Mary! Nunca duvidei, afirmou Jeff, com um sorriso amargo.

Habitado aos revezes da sorte, à luta pela vida, Jeff era como aqueles jogadores que sabem ganhar e perder com um sorriso... O que importava era a felicidade de Mary! E Mary era feliz.

Tratou de encomendar a uma florista ramos de lilazes — a flor favorita de Mary — com a condição de lhe serem enviadas, pouco antes da cerimónia...

E acompanhado do fiel Jeff, procurou nos cabarés de Nova York, um lenitivo para as suas máguas e no alcool o esquecimento de que tanto carecia.

* * *

Dill preparava-se alegremente para o jantar de despedida, quando recebeu uma visita inesperada: a sua ex-amante

Connie (Frances Drake), uma mulher tão honita como audaciosa, dotada dum força de vontade e dum poder persuasivo invulgar; que conseguira, um ano antes, derrotar as concorrentes ao amor de Dill, fugindo com ele para a Europa, numa viagem deliciosa e embaraçadora.

Dill franziu a testa. Aquela visita, na véspera do casamento, parecia-lhe escandalosamente atrevida. E foi isso mesmo que disse a Connie, que lhe retorquiu:

— Soube do teu casamento, Dill!...

...Procedeste muito mal, para comigo. Não te minto, se te disser que fiquei furiosa... Pensei em vir aqui fazer uma cena! Lágrimas, soluços, recriminações... Mas, afinal, como vês, não fui capaz...

— Antes assim, voltou Dill, com um suspiro de alívio. Sabes bem quem é a minha noiva e gostava que ela ignorasse...

— Está descansado!... Gostas de Mary, não te censuro! Esqueceste-te apenas de me perguntar se eu gostava de ti...

Connie sabia bem insinuar-se. Conhecia os homens... E fingindo-se emocionada, com uma falsa resignação, suspirou:

— Lembra-te daquela noite em Nuremberg? Que loucuras... Porque não és amável? Oferece-me uma taça de «champagne», como em Biarritz! Lembra-te!...

Dill foi cedendo, pouco a pouco. Bebendo uma, duas taças, percorreram, *inimemente*, o itinerário de outrora: Madrid, Nápoles, Paris... Recordações ternas e

DE MARY





Rosalind Russell, a «lady» do cinema americano

ver quem eu sou: e tu vais comigo à festa.

Jeff não acreditava na cura de Mary! Mas estava curioso por ver como tudo se ia passar.

* * *

Como supunham, Dill era estranho à provocação da mulher. Teve uma cena com Connie, quando soube do caso, e esta ficou exasperada ao ver a tranquilidade aparente da rival. Entre as duas mulheres, trocaram-se perfídios cumprimentos e sorrisos...

Jeff estava admirado com a atitude de Mary. Abominava a Connie e delirava com as «punhaladas» cerleiras que a sua deliciosa companheira lhe cravava.

Dill estava inquieto. Todo o seu amor por Mary renascia. Quis explicar-lhe, implorar-lhe perdão! E Mary sentia que um beijo dele a convenceria, num instante... Por felicidade, Connie vestava e o escândalo estalaria, se Jeff não interviesse, com a sua habilidade habitual.

Mas Dill e Mary tinham prometido tornar-se a ver. Sair, num passeio, como bons amigos. E Jeff quando soube do caso indignou-se:

— Serás capaz de semelhante indignidade! Vais pedir perdão? Foi pequena a frolha que ele te fez. Um sinal dele e pronto: cais-lhe nos braços... Esqueces-te porventura de que és um homem casado e que a mulher espera apenas o momento de te humilhar?...

As repreensões de Jeff eram de tal forma merecidas, que Mary se irritou:

— Tens alguma coisa com isso? Sou livre ou não? Acabas por me massar com as tuas manias de ser meu tutor... Faço aquilo que me apetece — e nada mais...

— Tenho o direito de te proibir!... ameaçou Jeff agarrando-a pelos braços.

Mary insurgiu-se contra essa tirania despótica e deu-lhe uma bofetada.

Dá-me daí uma escóva, Shep.

E com o cabo da escóva, Jeff, tranquilamente, deu-lhe meia dúzia de palmadas, naquele sítio onde é costume bater nas crianças pequenas.

E, logo a seguir, Mary correu ao «rendez-vous» de Dill.

* * *

Passaram os dois um dia delicioso. Fizeram mil e uma loucuras, mil e uma garotices, como nos bons tempos da sua infância. O auto de Dill acabou por se atolar num pântano. Uma trovoadá enorme estava eminente. A chuva começou a cair.

— Para onde vamos?
— Para o «cottage» de Paula! Estamos perto, lembrou Mary. Corramos depressa.

Lá estava a chave, no sítio do costume. Comida não havia. Só havia conservas. Dill telefonou ao criado para o ir buscar no dia seguinte pela manhã. Mas Connie surpreendeu o recado e quis saber onde estava o marido.

— O sr. diz que está em Phénicie, com uma «panne»... voltou o criado.

E, ao mesmo tempo, os vizinhos avisavam Paula de que a casa estava acupada por um parzinho — o que representava um grave escândalo.

Paula compreendeu tudo, num momento e apressou-se a telefonar a Jeff.
— Venha depressa ao meu «cottage»! A Mary está lá com o Dill!...

— Que fiquem lá! Não tenho nada com isso voltou Jeff, melindrado ainda. Não tenho tempo para armar em ama sêca de meninas mal educadas.

— Não se importa então de que Connie arme um escândalo enorme que prejudique a pobre Mary?!

E como este argumento abalasse Jeff, partiram os dois para Phénicie.

* * *

Tão desastrosos um como o outro, Mary e Dill procuravam dominar a situação. Estavam encharcados até aos ossos. Não tinham que comer... Mary, a certa altura, interrogou-o...

— Porque é que o Johnson demora tanto?

— Eu disse-lhe que viesse só amanhã, voltou Dill, arrependido.

Mary percebeu o pensamento reservado que ditara tal resolução. Côrrou e sinceramente magoada disse-lhe:

— Fizesse muito mal! Quebraste o único laço que nos podia prender: uma alegre amizade. idêntica aquela de outrora...

Dill sentiu-se envergonhado. Media a sua desastrosa actuação até aí. Para que ela lhe perdoasse, estava disposto a passar a noite castamente solitário. Além disso, com as mãos queimadas, com o corpo dorido pelas variadíssimas quedas — ambicionava apenas um repouso.

* * *

Quando Jeff e Paula irromperam na casa, encontraram Dill e Mary, cada um a dormir no seu quarto. Jeff desatou a rir, livre enfim do ciúme e da revolta que o atormentaram durante a viagem.

— O que é preciso agora é fugir daqui, enquanto a doce Connie não se lembrar de aparecer por aí.

Infelizmente, era tarde. Connie apegava-se do seu automóvel. Jeff fez o possível e o impossível para dar uma aparência inocente ao facto.

— Vou fazer um escândalo tremendo nos jornais! ameaçava ela.

Dill gemia incapaz de dominar a fúria... Só Jeff conservava o seu sangue-frio: imperturbável.

— Minha senhora. Deve limitar-se a consagrar a vossa energia na obtenção dum arranjo amigável com o seu marido. Que diz dum divórcio rápido, compensado com uma boa pensão?...

— Quanto é que Dill oferece? voltou cnicamente a aventureira.

* * *

Logo que o divórcio foi pronunciado. Dill Morton e Mary resolveram casar-se. Na véspera da cerimónia, Jeff foi dizer-lhe adeus:

— Mary! Quero despedir-me de ti. Vetto para a Europa. No entanto quero dizer-te algumas coisas. Primeiro que desejo a tua felicidade. Segundo que te amo tanto, desde os bons tempos da infância, como tu amas êsse feliz mortal que se chama Dill...

Mary escutava-o, comovida.

— Tenho pena de ti, Jeff... Espero ser feliz com o Dill. A sua traição foi tremenda. Mas há detalhes que me impressionam. Lembra-te dos lilazes que o Dill me enviou...

Jeff encolheu os ombros. Preferiu catar-se. Sinceramente comovida, Mary clamava:

— Jeff! ...Porque te vais!... Não te eu qualquer coisa para lhe dizer.

Shep, que acompanhava o seu amigo, declarou-lhe:

— Agradeça-lhe ao menos os lilazes.

Mary abriu os olhos, assombrada.

— Os lilazes! Como... Então...? Foi êle? Como eu não vi que era êle afinal que eu amava.

A verdade aparecia-lhe agora com uma evidência fantástica, flagrante.

— Então... é êle que eu devo desposar...

— O barco parte daqui a meia hora... Jeff está a bordo — explicou Shep atropalhadíssimo.

— Fique! Diga ao Dill que vou casar com o Jeff. Adeus... E, ofegante, Mary saiu a correr...

* * *

Quando Jeff, acalbrunhado por tristes pensamentos, se quis encerrar, na sua cabine, a porta da cabine ao lado abriu-se. Uma mão de mulher baten-lhe alegremente nas costas. Jeff, surpreso, voltou-se. E viu então Mary, sorridente, de olhos faiscantes, que lhe oferecia uma escóva.

— Suponho que mereço ainda mais umas palmadas.

Jeff não pensava mais em administrar-lhe a devida correção. Louco de alegria, tomou-a nos braços, abraçou-a, doidamente, cheio de felicidade. E correu com êle, à procura do pastor, que os casasse.

Porque Jeff, que conhecia demasiadamente já, a inconstância feminina, não queria que o seu casamento sofresse o alarso sequer de algumas horas.

O cinema e a Rádio

Uma emissão de homenagem à «Cine-Jornal»

VÁRIOS postos emissores eriarão, ultimamente, in t e r e s s a n t e s emissões de cinema que têm jus aos maiores aplausos.

Cine-Jornal que está sempre pronto a acarinhar as ideias inteligentes, rejubila com a ligação da rádio ao cinema e incita as estações que tomaram tal iniciativa a não descurar a sua cruzada pré-cinematográfica.

Temos ouvido emissões cinematográficas de diversos postos. Na generalidade, os seus organizadores compreenderam o que lhes compete fazer. E ora pelo uso da palavra, ora irradiando músicas de filmes, distraem e educam os auditores cinefílos. No entanto, há muito que as emissões de CT 1 AN, Rádio Sonora, nos tem cativado, dado o seu interesse cinegráfico. E sem favoritismos, não hesitamos em afirmar que são as audições daquela estação as que melhor divulgam a arte das imagens.

Nas encontra-se tudo o que pode interessar a um cinefílo atilado: biografias, noticiário em primeira mão, interessantes palestras, música dos filmes de maior êxito, emitida com extraordinária oportunidade, e noutras ocasiões os auditores dados à arte, têm tido ocasião de escutar, em emissões directas, os nossos mais categorizados artistas de cinema.

António Feio, nosso presado amigo, jornalista inteligente e com excepcional espirito organizador, a quem cabe a direcção de tais emissões, deve estar satisfeito com a sua obra.

Rádio Sonora, que mantém com *Cine-Jornal* as mais cordiais relações, resolveu, homenagear o nosso semanário e, simultaneamente os nossos leitores. E, assim, organizou para a próxima 4.ª feira, 8 do corrente, uma interessante emissão cinematográfica que nos é dedicada e a qual muito desvanecidamente agradecemos. Para ela, chamamos a atenção dos nossos leitores, pois a confecção do programa é atraente. Não se esqueçam, portanto, de, no mencionado dia, pelas 22 horas, ligar os vossos receptores para CT 1 AN, Rádio Sonora.

Programa da emissão

Marea de Cine-Jornal — música de João Mateus, letra de A. Feio. Canções cinematográficas pela soprano D. Walda Rodiles que se fará ouvir em: a) D. Mariquita, *Violetas Imperiais*; Loin de Toi, *Imperatriz e Eu*; Orquídeas ao Luar, *Voando para o Rio*.

«Blues» e canções americanas pela inesquecível Rosa Maria, vedeta do filme *Maria do Mar*. Entre outras lindas canções que esta artista reserva aos nossos leitores, conta-se a célebre «Caro» do filme *Voando para o Rio*.

A brilhante orquestra de *jazz* *Reitanul* dirigida pelo maestro e pianista sr. Fernando Sampaio Ribeiro, coopera no festival, apresentando as músicas dos filmes de maior êxito.

Também o nosso camarada Raúl Fonseca, leva uma palestra que se intitula: *Definições de amor e casamento no arquivo de Joan Crawford*. Alguns elementos da Escola de Teatro Araújo Pereira, dirão sugestivas poesias.

Os acompanhamentos ao piano são de: Mademoiselles Eduarda Silva, Maria Antas e do compositor João Mateus.

Como vêm a Secção de Cinema de CT 1 AN, homenagem o nosso semanário com um esplêndido programa.

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

engraçadas, insidiosamente graduadas... E Dill, pouco a pouco, cedia...

* * *

Na manhã seguinte, Mary resplandecente no seu vestido branco, estava um pouco admirada da pouca pressão que o noivo mostrava em aparecer.

— Ninguém se pode fiar nêle... É capaz de se ter trazado!... Lembrou-se de me mandar um «táxi» carregado de lilazes — e nem sei como tal...

Jeff, mal refeito das libações da véspera, preparava-se para a cerimónia quando um telegrama o tornou lícido, dum instante para o outro. E, sem poder reprimir um palavrão, exclamou:

— Não há direito! Pobre Mary...

E, como louco, correu para casa dela. Ofegante, desalentado, disse tóda a verdade à noiva, ansiosa por saber o que era feito de Dill:

— Mary... Ele não vem... Casou, ontem, com Connie...

E mostrou-lhe o telegrama. Mary empalideceu, mas teve força bastante para reprimir as lágrimas. Com um encolher de ombros, e um riso forçado, declarou:

— Está bem! Que seja feliz!... Eu, depressa o esquecerei.

* * *

Fugiu para o campo, para casa de sua prima Paula, que havia posto o seu «cottage» à disposição dos noivos — para a lua de mel. Ansiosa por estar só, por se abandonar a si própria, durante alguns meses entregou-se à prática dos mais violentos desportos, para cançar o corpo, eliminar as recordações, curar o coração tão cruelmente ferido.

De longe em longe, Jeff trazia-lhe o correio. Um belo dia, entre o masso de cartas, descobriu um convite de Mr. e Mrs. Dil Morton. Jeff indignou-se, pela provocação. Mas Mary sorriu, com ar de desafio.

— Jeff! Como sabes, estou curada! Este desafio não é do Dill, mas da Connie. É claro ela julga que eu não vou e que me limitarei a deixar cair as minhas lágrimas sobre êste cartão... Vais

QUEM visitar Willy Birgel, o grande actor alemão, na sua casa de Mannheim, encontrá-lo a numa atitude pouco vulgar em artistas de cinema. Alto, e elegante, o actor está no meio do seu gabinete de trabalho, e com uma batuta de maestro na mão dirige, muito sério, a música que vem de uma estante colocada a um canto do aposento. A batuta de Birgel agita-se no ritmo dos grandes maestros. Com a mão esquerda impõe silêncio às trombetas, e com a direita parece alair o terno solução dos violinos. A cabeça move-se imperceptivelmente, a compasso da música. Lembra vagamente a personagem da peça de Kurt Goetz, «Dr. Pretorio» onde há a seguinte cena: o médico, personagem principal da peça, envia a esposa à Ópera, enquanto ele fica em casa, regendo na obscuridade do gabinete uma orquestra invisível. Com a diferença de que «nessa peça a atitude do médico é uma distração, ao passo que em casa de Birgel, o grande actor do Teatro de Mannheim, é trabalho sério. Trabalho de preparação para o papel que ele interpreta no novo filme «Schlussakkord» (Acorde final).

Com a seriedade profissional que o caracteriza, este actor, dedicou-se, mal lhe confiaram o seu novo papel, a estudar a arte de dirigir uma orquestra com a batuta. O ponto principal do novo filme é um grande concerto de arte, em que Birgel interpreta um célebre director de orquestra, uma espécie de Niskisch ou Wilhelm Furtwängler. Da pessoa do maestro, deve irradiar um poder suggestivo que recaia sobre os músicos e sobre o público. Nos grandes maestros, a personalidade é tudo. Birgel não se contenta com a sugestão produzida pelo seu papel e pela atmosfera cinematográfica dum concerto monstro. Ele quer saber também a técnica dos grandes dirigentes. Para isso, aprendeu, com o chefe de orquestra do Teatro de Mannheim, a arte da regência, e em casa experimentando os seus conhecimentos com uma orquestra invisível, sentia-se cada vez mais senhor do seu papel. Quando Willy Birgel levantar a batuta no concerto cinematográfico, os músicos terão a impressão de que o actor não está representando mecanicamente, mas sim com o interesse e o entusiasmo de um artista.

A orquestra tocará a Nona Sinfonia de Beethoven, cujos acordes requerem do maestro grandes atitudes e gesticulações sugestivas. Esta Sinfonia é uma elegia do destino. Beethoven caminhou sozinho pelo céu e o inferno dessa música. Cego, despedido, atormentado por desgostos, o grande músico exprimiu na «Nona» o calvário da sua vida. O novo filme «Schlussakkord», coloca esta música tão humana no ponto central da acção.

Ao começar a terceira frase da sinfonia, Birgel deverá dizer estas palavras: «Dirigi esta sinfonia muitas vezes na minha vida, mas sempre com a profunda tristeza e o desespero de um homem que se vê em presença da mulher que ama, mas que não corresponde a esse amor». Esta frase revela outro ponto do enredo. Este maestro célebre, protagonista do filme, é um homem que vive em desespero e angústia. Há uma mulher que faz com que ele despreze a vida, e uma criança que volta a chamá-lo ao seu destino. E no final do filme vê-se uma outra mulher, aclamada pelos acordes triunfais da última parte da sinfonia.

Tal é o que Birgel nos conta nos intervalos dos seus exercícios rítmicos com a orquestra invisível que se ouve, através dum gramofone. Começam agora nos estúdios as primeiras filmagens, sob a direcção de Delfef Sierck, o conhecido encenador do Teatro de Leipzig, que certamente compreenderá como ninguém as qualidades interpretativas do grande artista.

Berlim, Março de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA



Concorra ao Grande Concurso Literário

de

Contos e Novelas

Prémios:	<table border="0"> <tr><td>1.000\$00</td><td>1.^a</td></tr> <tr><td>500\$00</td><td>2.^a</td></tr> <tr><td>300\$00</td><td>3.^a</td></tr> </table>	1.000\$00	1. ^a	500\$00	2. ^a	300\$00	3. ^a	} Classificação		
		1.000\$00	1. ^a							
		500\$00	2. ^a							
300\$00	3. ^a									
Prémios:	<table border="0"> <tr><td>50\$00</td><td>4.^a</td></tr> <tr><td>50\$00</td><td>5.^a</td></tr> <tr><td>50\$00</td><td>6.^a</td></tr> <tr><td>50\$00</td><td>7.^a</td></tr> </table>	50\$00	4. ^a	50\$00	5. ^a	50\$00	6. ^a	50\$00	7. ^a	} Classificação
		50\$00	4. ^a							
		50\$00	5. ^a							
		50\$00	6. ^a							
50\$00	7. ^a									

A Companhia dos Telefones obre em todo o País um concurso literário para premiar os melhores **novelas** ou **contos**, escritos em português, de qualquer género, policial, aventuras, romântico, dramático, humorístico e de qualquer tamanho, onde se demonstre, de forma brilhante, o necessidade vital do **Telefone** no vida humano.

Não se trata de prosa publicitário, mas de uma demonstração vivida e interessante para o público, do que represento o Telefone no sociedade moderno e no civilização.

Dignaram-se formar o júri desta competição os Ex.^{mas} Srs.:

Albino Forjaz de Sampaio, Escritor—
Abreu e Sousa, Autor dramático—
Norberto de Araújo, Jornalista.

Os originais devem ser entregues no Companhia dos Telefones, Rua Novo do Trindade, 43, Lisboa, ou Rua do Picorio, 5, Pôrto, contra recibo ou enviados pelo correio, registados.

Tôdo o gente de Portugal deve concorrer, consagrados e nôveis, homens e senhoras, novos e velhos. Nota: O prazo para o entrega dos trabalhos termino em 15 de Abril.



—Ensina Como

Cativar os Homens

Eu estava desanimada. Outras raparigas faziam ricos casamentos e eram felizes. Eu, não conseguia nenhum pedido. Uma cigana advertiu-me de que uma côr ingrata, um nariz lúcido e uma pele de aparência gordurosa, como a minha, faziam fugir os homens. Aconselhou-me a experimentar o Pó Tokalon com «Mousse de Crèmes». O efeito foi quasi mágico — inteiramente diferente dos outros pós de arroz que eu tinha empregado. Reduziu-me o vestígio de brilho, reduziu-me os poros dilatados e deu ao meu semblante um fino «male» duma maravilhosa beleza que faz estremecer o coração dum homem. Uma única aplicação basta para todo o dia ou loda a noite, onde quer que eu esteja ou quer que eu faça. Estou certa de que loda a senhora pode adquirir imediatamente o encanto mais magnético e fascinante, com o Pó Tokalon à base de «Mousse de Crèmes». Garantimos óptimos resultados, ou então, o dinheiro será restituído.

À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — Rua da Assunção, 88, Lisboa — que atende sem demora.

SEIOS, VENTRE, VARIZES, Emagrecimento racional e correcção de defeitos estéticos com produtos e tratamentos sob a direcção médico no

Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35

TELEFONE 2 1866

L I S B O A

M^{ca} CAMPOS



CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27
Telefone 2 1365 e 2 1227

Comp., Imprensa e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48\$00
25 » 6 meses 24\$00
12 » 3 meses 12\$00
Estrangeiro e Colónias. 52 num. 1 ano... 65\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 25 — 6 DE ABRIL DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



No próximo número: A reportagem da festa de «CINE-JORNAL», no «São Luiz»